G-F 14544

DGCL
A

# ESTRADAS MILITARES ROMANAS

DE

# BRAGA A ASTORGA

---

MANUSCRIPTO

DO

PADRE MARTIN SARMIENTO

CONSERVADO NA

BIBLIOTHECA DA REAL ACADEMIA DE HISTORIA DE MADRID

E APRESENTADO POR COPIA

Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

POR

CHRISTOVAM AYRES

SEU SOCIO EFFECTIVO

E

SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ACADEMIA DE HISTORIA DE MADRID

LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia

1901

ESTRADAS MILITARES ROMANAS

DE

# BRAGA A ASTORGA

T-141210 C.

# ESTRADAS MILITARES ROMANAS

DE

# BRAGA A ASTORGA

---

MANUSCRIPTO

DO

PADRE MARTIN SARMIENTO

CONSERVADO NA

BIBLIOTHECA DA REAL ACADEMIA DE HISTORIA DE MADRID

E APRESENTADO POR COPIA

Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

POR

CHRISTOVAM AYRES

SEU SOCIO EFFECTIVO

E

SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ACADEMIA DE HISTORIA DE MADRID

LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia

1901

Extracto da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
nov. ser., Classe de Sciencias Moraes, etc.

---

TOMO IX — PARTE I

# ESTRADAS MILITARES ROMANAS

DE

# BRAGA A ASTORGA

---

Tenho a honra de apresentar á nossa Academia a copia de um capitulo da obra inedita do erudito escriptor hespanhol do seculo XVIII, o padre Martin Sarmiento, capitulo que muito interessa a Portugal por tratar das estradas militares que ligavam o convento juridico romano de Braga com a capital da provincia romana de Astorga, e que ficaram sendo utilisadas, muitas d'ellas, quasi até aos nossos dias.

A obra de Sarmiento intitula-se *Historia y Geographia de Galicia;* e dadas as antigas e intimas relações d'esta actual provincia da Hespanha com os nossos Entre-Douro-e-Minho e Tras os Montes, tem para nós incontestavel interesse. O capitulo, cuja copia mandei tirar quando estive em Madrid em 1894, occupa-se de um interessante assumpto que entre nós e no estrangeiro tem, desde ha muito, chamado a attenção dos antiquarios, entre os quaes sobresaem os portuguezes Contador de Argote e João Baptista de Castro, para só fallarmos dos antigos, os allemães Christian Bellermann e Emilio Hübner, que estiveram em Portugal, e os hespanhoes Fr. Martin Sarmiento, Barros Sibello e Fernandes Aureliano Guerra, que especialmente se occuparam das estradas ao norte do Douro.

Recentemente alguns trabalhos se teem produzido entre nós, de investigação particular, sobre uma ou mais determinadas estradas, e no 2.º volume da *Historia do Exercito Portuguez* um capitulo foi consagrado a tão interessante quanto controversa materia.

Tornar conhecidas em Portugal as opiniões de Fr. Martin Sarmiento, que percorreu a Galliza, d'onde era oriundo, e a região confinante, ao norte de Portugal, e que discute largamente as opiniões do nosso Argote e de outros es-

o nome do erudito polygrapho, antes de professar, era Pedro José Garcia y Balboa; passou a assignar-se Martin Garcia quando tomou o habito ecclesiastico, e só mais tarde adoptou o nome de Martin Sarmiento, com que ficou tão vantajosamente conhecido na litteratura do seu paiz.[1]

O juizo critico da sua obra está nas seguintes palavras de um reputado historiador da litteratura hespanhola:

«Foi o P.e Sarmiento um dos luminares do seu seculo, e a sua erudição, verdadeiramente immensa, só pode ser comparada com a do seu mestre Feijóo, a quem imitou tanto na litteratura como nas sciencias. Nota-se em seus escriptos um nobre desejo de ser util aos seus eguaes; e comquanto o seu estylo seja bastante desalinhado, e adoeça da confusão e das repetições resultantes de escrever de corrida, e sem intenção de dar as suas obras á publicidade; comquanto, de onde em onde, e em questões litterarias principalmente, se deixe arrastar pelo seu patriotismo um tanto exagerado,—necessario é confessar que em todos esses escriptores resplandece a sã critica e um juizo recto, e que nenhum ecclesiastico do seu tempo lhe sobrelevou em erudição profana.»[2]

Dadas as seculares relações entre o nosso Entre-Douro-e-Minho e a Galliza, relações de linguagem, de raça, de costumes, de tradições, desde que, sob o dominio dos romanos, constituiram o antigo convento juridico de Braga, ou a provincia de Gallecia, conservando uma differenciação marcada, mesmo no tempo dos godos e dos arabes, differenciação que ainda hoje é bem evidente, —do maior interesse se torna para nós, principalmente na investigação das nossas origens, o estudo de quanto se relaciona com a historia da região gallega. N'este particular não podia deixar de merecer-nos uma especial attenção as investigações feitas pelo erudito antiquario sobre um capitulo de archeologia que põe em evidencia essa antiga solidariedade da Galliza com a nossa região de além Douro, onde se constituiu o nucleo da monarchia portugueza.

No seu livro *Reparaciones Historicas,* consagrado em grande parte a assumptos portuguezes, diz o erudito academico hespanhol, tão amigo de Portugal, e nosso illustre confrade, o doutor Sanchez Moguel, que a *Real Academia de Historia de Madrid* «figura dignamente á frente das corporações da Peninsula, em tudo que seja promover e alentar, nobre e lealmente, a confraternidade scientifica de Hespanha e Portugal; pois creou uma classe especial de socios corres-

[1] *Catal. of the Spanish Library,* pag. 325 com referencia á *Revista Contemporanea de* 1878, art. de Lopez de la Vega.

[2] Ticknor, *Hist. de la Lit. Esp.*, tom. IV. Adic. e not. pag. 401.

pondentes portuguezes; publica, no seu *Boletin*, trabalhos nossos na nossa propria lingua; está dando á luz da publicidade o *Estado de Portugal em 1800*, de Cornide; acha-se em communicação com todos os centros de Portugal, e troca o seu *Boletin* com as publicações periodicas portuguezas que se consagram ás sciencias historicas.»

Um muito recente facto ha ainda: o premio concedido pela Academia das Sciencias de Madrid ao dr. Gomes Teixeira.

Não será de mais, portanto, que a nossa Academia, correspondendo a essas, para nós portuguezes, tão gratas demonstrações de cordialidade e de solidariedade intellectual, permitta que um dos seus mais modestos socios, — o qual tem a honra de o ser tambem da referida Academia hespanhola —, concorra com esta pequena offerenda ao altar votivo da confraternidade peninsular.

Lisboa, 10 de maio de 1900.

CHRISTOVAM AYRES.

# Geographia de las quatro vias militares romanas que salian de Braga, á Astorga

## VIA III.ª[1]

**Desde Braga, á Astorga; por los pueblos Quarquérnos**

(1.) Siendo la Geographia, y la Chronologia los dos ojos de la Historia, y de la Antiquaria: no sera dificil señalar que naciones son ciegas, tuertas, o bizcas, en ese genero de Literatura; si se atiende á quantos libros tienen de su Geografia puntual y de su Chronologia exacta. No es mi animo tocar aqui puntos de Chronologia. Solo es apuntar algunas observaciones propias, que a ratos perdidos, pude hazer, sobre la Geographia de España. No hablare de la Geographia Theorica, sino de la práctica. Tampoco me embarazare con la Geographia de toda la España en toda su estencion.—Solo me ceñiré a decir algo de la que perteneze á algunos Paises de Galicia.

(2.) Se podrá hablar de la Geographia en tres estados. O de la actual, y Moderna; o de la del tp̃o de la Media Edad, o de la antigua del tp̃o de los Romanos. El que no estuviere bien instruido de la Geografia de un Pais, en todos los tres estados dichos, ni entendera los Autores Romanos, ni los escritores de la media edad, ni los escritores Modernos. España está muy escasa de buenos Libros, para que por ellos se pueda instruir el curioso de su Geographia, en los tres dh̃os estados. Y los pocos que hay, son mui diminutos para la Moderna; mui cortos en la de la Media Edad; y mui confusos, y voluntarios en la antigua. Y con mas razon se podrá decir lo mismo de la Geophia de Galicia, en particular.

(3.) Ya no se podrá hablar de la antigua, si no es revolviendo los pocos Libros, que aun existen, de los Romanos; y utilizando algunas nuevas inscripciones, que con el tiempo se descubran. No asi de la Geografia de la Media

[1] Publico na integra a copia; apenas, em notas, esclareço a parte bibliographica.

Edad. Son infinitos los Monumentos, que aun hoy existen, de aquellos siglos. En virtud de ellos, si se consultasen, y leyesen, se podria formar una mas que mediana, y copiosa Geographia, no solo de España en General, sino tambien del Reyno de Galicia, y de sus vecindades. Ya veo, que para esto se nezesita mucha Letura, y mucho tiempo, y que el trabajo se repartiere entre muchos curiosos.

(4.) Lo que deve ser vituperable es, que siendo tan fácil de formar una Geografia Moderna, é imprimir um estado presente, no solo de Galicia sino tambien de toda España, se esten mano sobre mano, los que, ó por obligacion, ó por gloria, ó por utilidad devian promover esa obra. No les seria dificil á esos emplear tantos Ingenieros, como hay en España para que levantasen Mapas y Planos chorographicos y topographicos, con sus alturas Geograficas, y con las distancias Itinerarias de un Lugar á otro.

(5.) La Nomenclatura de los Lugares, su distribucion, y dependencia, por Vilas y Aldeas, &.ª, con un papirote se lograria saber; si los obispos dispusiesen que los Arzedianos ó los Arcipres diesen razon de lo que pertenecia á su partido. Y que, despues, para el gasto de imprimir la total descripcion, concurriesen los partidos interesados.

(6.) Sera andar por las ramas y á ciegas, querer fixar algunos Lugares de la Geografia Antigua, sino se tiene presente una Geografia Moderna mui individual y exacta; y un tanto quanto de la Geographia de la Media Edad. Aun todo eso no alcanza, si el que ha de tomar la pluma para decir algo de la Geografia Antigua, no pasea, patea, y repása antes todo el Pais del quál ha de escrivir.

(7.) Digo de prevencion esto, para que no se extrañen los defectos que se hallaren en este papel; pues daré por bien empleado el travajo y discurso, si se me concede, que he acertado a fixar 406 Lugares Antiguos de Galicia, cuya situacion ó no se sabia, ó estaba muy confusa. He procurado tomar por Norte el ytinerario, que llaman de Antonino, y para su inteligencia, me valdré de todo lo q̃ conste de los Autores Antiguos; de lo poco que se de la Geografia de la Media Edad, y de lo que pude recoger para la Geografia Moderna de Galicia, en mis paseos, o peregrinaciones, y con mis preguntas; importunando á cualquiera, que me pudiera instruir.

(8.) Podrá ser que la pluma se alargue á mas de lo que promete el titulo. En ese caso, será forzoso citar muchos Autores Antiguos, que dixeron algo de Galicia, sin respeto a los Lugares de las 4 vias Militares de los Romanos. Y para desembarazarme de calificar á cada paso, su Autoridad, impresion, citas y varias Lecciones; daré aqui uma idea de los principales de esos Autores. Es insuperable el escollo, en que tropiezan los que se dedican á entender Autores antigüos, la variedad de Leccion en sus copias. Si hoy tu-

biesemos los originales, se ahorrariam 600 tomos, que se han escrito sobre si tal, o tal copia M. S.ta es mas, ó menos, conforme al original, que jamás se ha visto, ni ya se puede ver.

(9.) Esto, aun siendo el contexto de los Autores mui esento de nombres propios. Pero quando trataron de Geographia, cuyo estylo es un Complexo de nombres propios de Lugares; y por lo comun Barbaros esos nombres; se duplican los escollos. Aun ay mas, si esos nombres tienen numeros de distancias ytenerarias ó de posituras Astronomicas.

(10.) Ptolomeo, que florecio por los años de 140 de Christo, y Sacó las Tablas Geographicas de los Lugares con su Lactitud y Longitud, nó tiene mas que numeros y nombres propios. Y por haverlas escrito en Griego, se duplicó la ocasion de amontonarse en las copias infinitos errores. Tampoco el Ytinerario de Antonino es otra cosa que Cathalogos de nombres propios, distribuidos por caminos y veredas, de una Capital á otra; señalando por numeros (aun que Romanos) las distancias de un Lugar á otro, con el núm.° de Millas.

(11.) No tengo a mano el Ptolomeo Greco-latino de Vertio.[1] Vso del regular moletio *(sic)*[2] de Benecia,[3] en 1562: Tampoco tengo la famosa edicion del Ytinerario de Antonino Comentado.[4] Tengo la manual de Basilea, de 1575,[5] con Aethico, y con notas de Josias Similero; tengo tambien otra edicion de Leon en 8.°

(12.) Hay otros dos Autores Clasicos, Pomponio Mela y Plinio. Ni uno, ni otro usa de alturas, ni de distancias de Lugares. Mela descrive la Costa occidental Maritima desde Bayona de Galicia hasta Bayona de Francia. Al contrario descrive Plinio el mismo terreno, caminando del Norte al medio dia. Tengo la mas famosa, nueva, y completa edicion de Pomponio Mela, con todos sus comentadores del año de 1748 en Leidem.[6]

(13.) Es importante tener muchas varias Lecciones del Texto de Mela. He consultado, y tengo siete ediciones diversas, 1.ª la antiquisima, y rara de Sa-

[1] Deve ser a de P. Bertius. Amstelaed., ex officina Hondij, 1618. 3 tom., em 1 vol. gr. in-fol.

[2] Deve ser «edicion».

[3] Brunet não cita esta edição, mas sim as seguintes de Veneza: 1511, 1548, 1549, 1558, 1561, 1564, 1598, 1599, etc.

[4] Deve ser a edição de Wesseling: «qui et suas addidit adnotationes. Amstelaedami, apud J. Wetstenium, 1735, in-4.°

[5] Edições de Basilea encontro as de 1533, 1538, 1541, 1553; não encontro a de 1575.

[6] De *Situ Orbis*, Lib. III, Pomponius Mela, cum notis integris varior.; accedunt Petri-Joan. Nunesii et Jac. Perizonii adnotationes, curante Abr. Gronovio. *Lugd.-Batavor., Luchtmans*, 1748, 1 tom., em 2 vol., in-8.°

lamanca de 1498, que saco Fran.co Nunez de la Yerba.[1] 2.ª La de Ermolao Barbaro, que es rarisima.[2] 3.ª La primitiva de Pintiano en Salamanca 1543.[3] 4.ª Comentos de Juan Olivario en 1557,[4] en Paris. 5.ª que salio en Leon 1560 con el texto añadido de Solino.[5] 6.ª la que saco Hisaac Bossio, con comentos, y con otro tomo de Apendix.[6] 7.ª que ya dije de 1748 cun noteis Variorum de Abraham Gronovio.[7] En ésta está lo selecto de las ediciones antecedentes, excepto la de 1498 de Salamanca, que no vieron los Gronovios, y con Cathalogo de varias Lecciones el texto de Pomponio Mela, Autor español.

(14.) Tengo la completa edicion de Plinio con varias Lecciones, y notas de Pintiano, de Gelenio, y de Beato Rhenano. No tengo la ultima edicion del P. Arduino,[8] y solo me podria servir si trajese algunas variaciones del texto de Plinio, por lo que toca á Galicia, pues en quanto a la Geografia, no hauiendo Peregrinado el por aquel Reino, pocas luces me podria dar.

(15.) De los 17 Libros que Estrabon escrivio de Geografia en tiempo de Tiverio, el Libro 3.º todo es de España, y alli hay mucho de Galicia, caminando del medio dia al Norte. Tengo la ultima edicion Greco-Latina de Amsterdam, en dos tomos en folio año de 1707,[9] con comentos, y notis variorum; y con la crestomatia antigua Greco-Latina tambien.

(16.) Estos cinco Autores Geograficos son los principales de los antiguos,

[1] *Opus praeclarissimum Pomponii Melae Cosmographi cum introduccionibus et alliis tantopere necessariis per Franciscum Nunnis de Yerva medicinae professorem elaboratis explicit feliciter. Impressum vero salmanticae... anno domini* M.CCCCXCVIII. *Sole Tauri punctum gradiente primum*, in-4.º

[2] Pomponius Mela Cosmographus de situ orbis... Harmolai Barbari fideliter emendatus. *Impressus* (*Venetiis*) *per Albertinum de Lisona vercellensem anno dom.* 1502, die 14 mai, in-4.º

[3] «Pomponii Melae Castigationes in Pomponium Melam geographum, etc... MDXLIII.»

[4] Conheço a edição de 1554: «*Pomponii Melae de Situ Orbis Libri* III. Cum annotationibus Petri Joannis Olivarii Valentini, Christianis. Reguiae, etc... Lugduni, apud Antonium Vincentium, 1554.

[5] A edição que conheço é de 1543. «C. Julii Solini Polyhistor, Rerum Toto Orbe. Memorabilium thesauriis locuplentissimus, huic ob argumenti similitudinem Pomponii Melae de Situ Orbis, etc.»

[6] «Isaaci Vossi Observationes ad Pomponium Melane.»

[7] «Pomponii Melae de situ orbis, libre III, cum notis integris variorum... curante Abrahamo Gronovio... *Lugduni Batavorum*, Apud Samuelem Luchtmans, 1748.»

[8] Joan Harduinus. Tem varias edições; a primeira é de Paris, 1685, 5 vol.

[9] «Rerum geographicarum libri XVII. (Gr. et lat.) Accedunt huic editioni, ad Casaubonianum III expressae, notae integrae G. Xilandri, Is. Casauboni et aliorum; subjicumtur chrestomathiae, gr. et lat. (cura Theod. Janssonii ab Almeloveen), *Amstelod., Jo. Wolters*, 1707, 2 vol.»

que mas han hablado de Galicia; y cuyas ediciones seguiré en este papel. Ademas de los dhos Hay otros Autores que hablaron de Galicia. V. g. Rupho Festo Avieno, que tuvo presente el Periplo de y Milcon, Silio Ytalico, y Diosnisso Afro, Greco Latino.

(17.) Los Autores en prosa son muchos. V. g. Tito Libio, Lucio Floro, Orocio, Aethico, y Justino; y todos los de la Historia Romana ya Griegos ya Latinos. Pero para entender unos, y otros, es indispensable tener los Autores que se siguieron, y tengo los que se siguen. El tomo en folio de Pancivolo, Noticia Utriusque Imperij. El Chronicon de Ydacio, que ha sido el o bispo Gallego y escrivio en el 5.° siglo. Los Concilios de Braga y Lugo. Lo que dize san Ysidoro. Y sobre todo el que llaman Anonymo de Ravena.

(18.) El que llaman Anonymo de Ravena escrivió en el siglo 7.° cinco Libros de Geografia en proza, y sin distancias, ni alturas. Cita á Autores Godos, que hoy no existen. Sacole a luz el P.e Dr. Placido Porchedon Benedictino, 1688, en 8.° con notas, (en Paris) y concordancias con los Geografos Antiguos. Sacole despues Gronovio, pero sin notas, ni variante alguna que me haya echo al caso para Galicia.

(19.) Por mi hize la observacion de q.e muchas listas de Lugares seguidos del Anonimo de Ravena son copiadas ad literam, de las tablas ytinerarias de Antonino. Pero añade otros infinitos lugares, de los quales no hay noticia alguna en los antiguos. Si huviese un Codize manuscrito, teniamos en el un tesoro, para entender el ytinerario de Antonino, y aun asi como anda impreso, me ha servido de mucho para decir algo de particular en este pape Geografico de Galicia.

(20.) Poco antes o poco despues de este Anonimo se escrivieron las que llaman Tablas Peutingerianas. Son unos como Mapas Itinerarios de los Lugares del Imperio Romano, con el numero de Millas de distancia de un Lugar à otro materialm.te y sin disposicion alguna Geografica de alturas, y Longitudes. Hallaronse en nn pergamino de 22 pies de largo, cocidas muchas peles. Imprimieronse como mapas; y ya las tengo tendidas en Nicolas Bergier; y con algunas notas en Marcos Belsero.

(21.) Pero la magnifica edicion de esas Tablas Peutingerianas es la que acaba de salir en Viena en tomo con Atlas. Alli esta toda la Historia y Critica de esas Tablas, y estan yluminadas con indices, pero sin notas. Compró ese tomo en Biena el S.or Marques de Almodovar, cavallero mui curioso; y devo a sua Sr.ria el haver registrado em mi celda ese tomo selecto. La lástima es, que el pergamino, ó pergaminos, en que estaban los Caminos de españa no han parecido hasta haora. I asi son inutiles para España, y consiguintemente para Galicia. Dira alguno, a que fin pues las cito? para que el que las viere citadas no se canse en aprovecharse de ellas para España.

(22.) Hay otro tomo de Geografia mui singular que se deve tener presente para la Geografia en General; para la de España, y para la de Galicia. Este se llama vulgarmente Geografia Nuviense. El Autor es Gerif Edrisi. Autor Arave, e porque su codice se hallo en la Nuvia sin nombre de Autor, se le dió el nombre Nuviense. Imprimiose en Roma, pero unicamente en Aravigo; Despues los dos Maronitas, hezvonita y sionita le tradujeron en Latin en Paris; y alli le imprimieron; pero solo el texto latino, y con el titulo de Geografia Nuvienses.

(23.) La edicion latina Gerif es ya mui rara, pero mas la Araviga. He tenido ocasion de tener, por imprestito, sobre la Mesa las dos ediciones; ó el texto Arabigo y el Latino, en dos tomos en 4.°. La obra se escrivio, en el siglo 12, distribuye los Lugares Geograficos por climas, a la oriental; pero pone el numero de Millas para las distancias.

(24.) Claro está, que siendo Arave el Autor, escriviendo en Aravigo los nombres proprios; y señalando por numeros Aravigos las distancias, abrá mil confusiones en la version Latina. Descrive por distancias toda la costa Maritima que hay desde la voca de Miño hasta Bayona de Francia. Y para mi que he andado lo que de aquella costa perteneze à Galicia, tan Araviga me es la version latina como el mismo texto Aravigo. Y que sera para los que no han estado en Galicia?

(25.) He procurado no obstante entresacar los nombres propios, que Juegan en esa descripcion; y ponerles sus vozes Aravigas, correspondientes con los mismos caractéres Aravigos del texto. No se Aravigo; pero me basta conocer los caracteres, y su Analogia con los Latinos, para sacar alguna utilidad de tan dificil Autor, para la Geografia Gallega de la Media Edad. No cito á otros escriptores de esos siglos, por que seria molesto.

(26.) Voy á los Autores clasicos de Geografia Moderna de Galicia. Ortelio Merula, Cellario Bâudrand, Cornelio, Lasor, y Martiniere &.ª, y todos los que sacaron Mappas han sido mui Doctos; pero no dicen de Galicia, sino lo que han copiado de los españoles; y lo que á su modo han entendido de los escritores antiguos. Pero como ninguno de ellos ha peregrinado por Galicia, todos se deven leer con desconfianza. Si el Licenciado Molina Malaguéz, no huviese impreso en 1550, una breve descripcion de Galicia, abria poca noticia de ella, en los Libros extrangeros.

(27.) Repito, que aqui solo hablare de la Geografia Antigua, para descartarme de um golpe de todo genero de Autores, ya propios ya extraños. A ninguno de ellos pienso deferir, porque aya dicho esto, o lo otro: Solo quando citen texto de Autor Antiguo ó alguna Inscripcion, les citare a ellos. Pero devo advertir, que despreciaré por patrañas, quanto se citare de los Pseudos Chronicones yendo D. Serbando delante. Todo lo que se hallare en esas compila-

ciones de nezedades vergonzosas y de monstruosas ficciones, y muchas de ellas Sacrilegas, que no se hallare en los Autores Antiguos, los despreciaré, y con ascos. El numeroso Catalogo de esos impostores le pondré adelante.

(28.) Yó solo tomé la pluma para comparar y combinar lo que escrivieron los Autores Antiguos fidedignos, é indisputables. Y no soy tan credulo que crea, que nos han errado, y referido algun falso rumor. Es preciso pasar ya por lo que han dejado escrito; quando no se hiciere evidencia de lo contrario, no quando el antojo de un moderno le soñó contradecir. Diran, que tambien otros han tenido presentes los Autores propuestos que he de zitar. Es asi; pero ninguno ha tenido presente el Idioma Gallego, su origen, y la Analogia de sus vozes; en las quales estan occultos muchos Lugares y el Arte de decifrarlos es ya el ultimo recurso para dicir algo de nuevo en tan recondita antiguedad.

(29.) Comienzo proponiendo aqui la III.ª via Militar desde Braga á Astorga por los Quarquérnos

| Itinerario de Antonino | Millas | Anonimo de Rávena |
|---|---|---|
| 1.—Bracara | – | Bracaria. |
| 2.—Salaniana | 21 | Salamana. |
| 3.—Aquis originis | 18 (ó 28) | Aquis, ocerensis. |
| 4.—Arquis querquennis | 14 | Aquis cercenis. |
| 5.—Geminas | 16 | Geminas. |
| 6.—Salientibus | 19 | Salientivus. |
| 7.—Presidio | 17 (ó 8) | Presidium. |
| 8.—Nemetobrica | 13 | Nemetobrica. |
| 9.—Foro | 19 | Foro Giguniam. |
| 10.—Gemestario | 18 | Ginistaria. |
| 11.—Belgido | 13 | Vergidon. |
| 12.—Inter epaconis flubio | 20 | Amnion. |
| 13.—Asturica | 30 | Asturica. |

Millas 218, y el Itinerario pone 215.[1]

(30.) Bien notorio es que los romanos tenian dividida toda España en diferentes conventos Juridicos, ó chancillerias, las quales estaban en las cuidades Capitales; y á ellas acudian los concejos, ó Pueblos, para terminar sus pleytos, y diferencias. Consta de Plinio que uno de esos conventos Juridicos, ó chancillerias estaba en Asturica Augusta, oy Astorga. A ésta concurrian dose pueblos de los Astures. De estos unos eran Astures trasmontanos, y corres-

[1] Vid. *Hist. Org. e Pol. do Exercito Portuguez*. Tomo II, cap. VIII.

pondian á parte del Principado de Asturias. Otros eran los Astures Austanos, y correspondian á lo que hoy es el Reyno de Leon, terminando-se en el Rio Duero. A todo el territorio de los Astures señala Plinio 240 de capita libera. Por no atender a ésta distincion de Astures se han dhõ muchas Patrañas en los Libros.

(31.) El otro conbento Juridico, ó chancilleria, de los Romanos estaba en la ciudad de Lugo; y se llamaba conbentus Lucencis. Concurrian á el 18 pueblos, ó concejos, y hauia en todos ellos 166 de capita libera. Plinio señala expresamente el ámbito Maritimo de esa chancilleria. Dice pag. 70 in peninsula Pesici (?) Et deinde conbentus Lucensis, a flumine Navilrivione Cibarci, ego varri, cognomine na marini (?) &. Acava asi, Juntandole con el combento Bracarense, despues de los ceparos y cilenos; y dice; acilenis, combentus Bracarum. Heleni Grabÿ, Castellum Fide, Grecorum sobdis, obnia, &.[1]

(32.) De manera que comenzando en Pravia, Rodeava hasta el valle de Pontevedra, exclusive; aquellos pueblos civacos, que ya son Gallegos, corresponden al pais de Loarca, que hoy está en Asturias; Y acaso la voz Luarca, habrá quedado recortada del latin, Cybarca; perdiendo la C, y tomando la i por l, ó si en alguna variante leccion se halla Cibarcos se pronunciaria Cubarca; y viendola escrita Cubarca, confundien la C con la L diria Lubarca, Luarca: Advierto que Plinio pone á los Cibarcos mui lejos del valle de Cabarcos de Mondoñedo; cuanto distan los Rios Narceai, Nalon en Praria; de la ria de Ribadeo.

(33.) El 3.° combento Juridico estaba en la ciudad de Braga. Concurrian á el segun Plinio 24 concejos, y se contaban en todos 275 de Capita libera. Comenzaba, como dije en el valle de Pontevedra, inclusive, en donde estaban los pueblos Helenos, contiguos a los Cilenos, que corresponden al Valle de Caldas. Este dho combento se estendia hasta el rio Duero.

(34.) El modo de imaginar linias que dividan esas tres otras chancillerias de Astorga, Lugo y Braga, y que las separen tierra a dentro, será este. Ymaginese una linea desde Pravia hasta Baldeorras. Ymaginese otra desde Baldeorras hasta el Duero por la Sanabria. Ymaginese otra linea desde Baldeorras hasta el occeano, que benga hasta Ribadabia; y siguiendo el rio Abia hasta su orige; que desde el baya a buscar la punta ó cabo del Grove; digo que todo lo que cae al Norte de esta demarcacion pertenecio al medio dia, y á la Chancilleria de Lugo tocando tambien á la de Braga. Todo ba conforme a Plinio, Ptolomeo.

(35.) No hauia en tiempo de Plinio mas que 14 combentos Juridicos; y los cuenta asi en toda España. Hauia en la Tarraconense siete, V. g. Tarra-

[1] Este trecho está evidentemente cheio de erros.

gona; Zaragoza combentus Cluniensis, ó Cruña, junto á Osma; Astorga, Lugo y Braga. En la Bética hauia quatro, V. g. Cordoba, Ecija, Sevilla y Cadiz. Y en la Lusitania tres, V. g. Mérida, Badajoz, y Santaren, que es el escalavitanus. Aqui se palpa el papel que Galicia hacia en tiempo de los Romanos, pues de catorce chancillerias que pusieron en toda la España señalaron dos para Galicia en Lugo y Braga.

(36.) Importa poco para el caso que Braga esté en poder de Portugueses. No por eso deja de ser Galicia. Expresamente lo dice Ptolomeo, teniendo los Gallegos Lucenses, y los Gallegos Bracarenses. No hay Portugal ó Lusitania hasta pasado el Duero, como lo dice Plinio. A durio Lusitania incipit. Aun llaman los Portugueses entre Douro é Miño de su dependencia Galegaos; y á los del reyno de España Galegos. Asi es mui visible necedad la de los que dicen que Portugal se extendia hasta la Torre de Loveira, al Norte de Pontevedra. Antes bien Galicia se estendio siempre hasta el rio Duero.

(37.) Y cuando los que no eran Gallegos hablaban Arabigo en la Lusitania; aun el Papa llamó al rey de D. Alonso el Magno, Rey de las dos Galicias, aludiendo a la Lucense, y Bracarense. Adefonso glorioso Rexi Galliciarum. Dicelo Sampiro; y aunque entre los condes, que alli refiere hay noticia de Portugalle y Bregancie; eran Gallegos legitimos, y Braganza y Portugalle por estár entre Duero y Miño al Norte del Duero, pertenecian á la Galicia Bracarense. Portugalle no es nombre de terreno sino de ciudad, y es la que hoy llaman Oporto.

(38.) La letra g de Portugal no es radical sino trasmutacion Analogica de la C. que es radical en la vos *cale*. Pontus cale, ó Portucale. Se comenzó a decir bien, Ezotro de Portugal no se halla en los antiguos. Asi es error inbentar el Portugalorum, que tampoco se halla en monumento antiguo fidedigno. Ese Portus Gallorum se podrá arrimar á la ficcion de Gallo-Grecia, para Galicia, pues ya no está en el mundo para confundir el oriente con el o ocidente. El obispo de Oporto se firmaba Portucalensis. Y todo viene de Cale, que se halla en Antonino que le pone el anonimo de Rávena en el mismo sitio.

(39.) Asentado todo dhõ hasta aqui, para entender mejor lo que se dirá sin haverme valido de Autores modernos, boy a proponer las Vias militares. He notado que casi todas las vias militares que en el Itinerario de Antonino estan repartidas por España, salian de un combento Juridico, y se terminaban en otro. Y hauiendo en España, como dije con Plinio 14 combentos, ó chancillerias, se inferirá el numero de vias militares. Ademas de las que resultan de las combinaciones, á veces salian vias duplicadas, de un solo combento Juridico, á otro.

(40.) Esto se palpara en este escrito. Ademas de la via que hauia desde Braga á Lusitania salian de la misma ciudad de Braga 4 caminos, ó vias mi-

litares para Astorga; y son las mismas 4 que nos han quedado en Antonino, contadas en el por el orden siguiente.

(41.) 1.ª Salia de Braga para Astorga y se dirigia por *acuas flavias ocha-res*. Pero si desde aqui pasaba por Sanabria, como quieren algunos; ó si torcia por tierra del vollo, como yo sospecho se aclararan en su Lugar.

2.ª Salia de Braga para Astorga, y rodeaba mucho por la Marina, para hir a Lugo, y desde Lugo se enderezava á Astorga.

3.ª Salia de Braga para Astorga, y caminando por la Limia, y por los pueblos quarquernos, pasaba por Baldeorras, Bierzo y Ponferrada.

4.ª Salia de Braga para Astorga, y rodeando por la ciudad de Lugo, desde alli se incorporaba con la 2.ª que se dirigia á Astorga.

(42.) Estas son las 4 vias militares famosas, desde Braga á Astorga; Ademas de las ciudades, Astorga, Lugo y Braga, se cuentan en las dhãs vias mas de 40 Mansiones, sitios ó lugares en donde paraba la tropa para dormir. Casi todos los nombres de esas mansiones pasan por desconocidas y haria mucho en favor de la Geographia antigua de Galicia, el que los aclarase, àl lo menos algunos, quando no todos. Yo haré lo posible por aclarar algunos, aunque pocos. Para eso hire tentando por todos los nombres de las quatro vias militares.

(43.) He escogido en primer lugar la via 3.ª por que la primera vez que lei pueblos quarquernos, me hicieron tal eco en el oido, que desde entonces deseé saver á que terreno de Galicia correspondian. El lector hara juicio si ha adelantado algo, que merezca atencion. Mientras me lisongearé, que si este papel cayese en manos de algunos curiosos, ya Gallegos, ya Castellanos, que vivan de asiento en Galicia, y en los Paises y Lugares respectivos á los que aqui se tocan, podran adelantar mucho mas; y estaran alerta para obserbar el terreno, y si se descubren algunas inscripciones, ruinas, ó colunnas miliares.

(44.) Tengase presente, y a la vista el Plano ó Tabla de la dhõ 3.ª via Militar, que puse en el número 29 para hacer aqui su Analisis. Dice Antonino, que desde Braga á Astorga, por ésta via hay 215 millas, hauiendo contado las millas, solo suman 211. Luego hay error en los números de las distancias. ¿Y quien los enmendará? Segun la ley de los romanos para las vias militares se devia levantar á cada milla, un Poste ó colunna en que estuviese grabada la distancia á la Capital. Luego en solo esta via se levantaron 213 colunnas militares. En donde estan oy esas ó su maior parte? Muchas veces se hallarian si se buscaran. V. g. Aberiguado que tal sitio de hoy corresponde à tal mansion del Ytinerario, se deve suponer, que por lo comun, huvo en ese espacio de distancia 15 ó 16 colunnas miliares, pues la Jornada regular de la tropa era de 15 à 17 millas Romanas. Ya es tiempo de comenzar la esplicacion de la

Via 3.ª militar

(45.) Bracara en Antonino, de Rávena Augusta Bracaria. No hay duda en la identidad, ni en el sitio. Tampoco es razon detenerme aqui en la descripcion y elogios de Braga. Harto hay escrito de ella. Geronimo Contador de Argote, Autor Portugues dio á luz 5 tomos en folio sobre las cosas de Braga. 1.º Latin Portugues de las antiguedades del combento juridico Bracarense; y los 4 en Portugues con el titulo de Memorias para historia eclesiastica ó Arzobispado de Braga. Si escrivió tambien para los que no son Portugueses, digo si que en la obra de Contador hay cosas bellisimas, por lo que mira á las vias militares de Braga, y en especial antes que se entren en lo que hoy llaman Reyno de Galicia. El mismo dice que á los Gallegos toca el rectificar esas vias.

(46.) Seguirele en lo que dice de esas 4 vias militares, mientras se dirigen por Portugal. V. g. Salaniana en Antonino, y Salamana en el Anónimo de Rávena. Tambien otra edicion de Antonino dice Salamana, es verdad que en esta se pone 11 millas (11) distante de Braga, pero las comunes ponen 21. La primera mansion desde Braga era en Sananiana. Contador dice que correspondia en la Feligresia de Moimenta; por que alli se halla una colunna que señala 21 millas desde Braga.

(47.) Es preciso saver que esta via venia á la Portela de Omen, y desde alli montaba á la famosa sierra, ó Montaña de Xerez; y por ella se venia á Lovios, y á los baños de Bande, que divide Portugal de Galicia; y por ella se venia a Lovios, y a los baños de Bande, ya en Galicia. El año de 1728, se hicieron diligencias publicas para desenterrar colunnas miliares. Contador pone las muchas que se descubrieron de nuevo en esta via, y en especial la Montaña Geres. Si esto mismo se hiciese en España, tomaria mucho buelo su Geographia antigua. La última colunna que pone, es la de 38 millas, sobre la qual propondre una insuperable dificultad.

(48.) Castela Ferrer cita, folio 158, una colunna miliar, que se halló en los baños de Vande, y dedicada á Trajano, con 38 millas de distancia a Braga; y dice, que dice asi

IMP. CAE
TRAIANO AVG. PONT. MAX.
TRIB. POT. XVIII P. P. ABRACARA
AVG. M.P. XXXVIII

Al emperador Cesar Trajano Augusto, Pontifice Máximo, tribunicia Potestad, 18 padre de la Patria, desde Braga 38 mil pasos.

(49.) La dificultad consiste, en que Contador, tomo 2.°, pag. 566, pone la misma colunna en esta via Militar y a 38 millas de Braga, mas abajo 4 leguas y media del sitio de los baños, en donde la colocó Castela Ferrer. Contador cita el padre Brito que la vió; ó uno, ó otro Autor nos engañan, ó se engañó el, pues una misma colunna no puede estar en dos lugares distantes 18 millas. Castella mas ha tenido de crédulo que de critico, y Brito mas ha tenido de impostor, y de insolente desbergonzado contra Galicia que de escritor fidedigno. El fingió á Laimundo Hortega y á otros Autores de la misma laya, para tener que citar en su fantastica Monarquia.

(50.) Asi, ó Brito paso á los Baños del Rio de las Caldas la colunna de Contador; ó Castela pasó á los baños de Bande, la colunna, que halló, ó fingió Brito. Digo, pasó; esto es con la pluma, y es de admirar, que trayendo Castela Ferrer, y Gándara la dicha inscripcion en los Baños de Bande, no hallase lugar Contador, en sus 5 tomos en folio, para deshacer esta dificultad, ó apuntarla por lo menos.

(51.) Y como hauia de componer dificultades, leyendo libros extraños, sino compuso las que nos dejó en sus libros? Pag. 183, dice, que las aguas quarquernas distaban 12 leguas de Braga. Segun lo dicho, los Baños de Brito distaban 38 Millas de Braga, si no es fingida su colunna. Segun Contador p. 566, de los baños de Brito á las aquas origines hauia 18 millas, y desde aqui a las Quarquernas 14. Sumense los 3 números 38, 18 y 14, y sumarán 70 millas, para la distancia de los Quarquernos á Braga. Contador calcula la Legua por 4 millas. Dixo que hauia 12 leguas, y resultan 17 y m.ª segun el mismo Contador.

(52.) Que diremos a ésto? Digo que mientras Brito y Contador, no se componen, la columna de las 38 millas ó está, ó estubo en los Baños de Bande; y que en ellos era la mansion de las aquas originis de Antonino. Los Portugueses han recogido varias colunnas miliares, y las han llevado a Braga; sin saverse hoy donde se han traido. Es practica perniciosa; porque es añadir un nuevo titulo de confusion á las muchas que padece la Geographia antigua. No es inverosimil que los que fingen Laimundos, fingiesen colunnas miliares ó que sin ser Taumaturgos, las transfiriesen de Galicia á Portugal.

(53.) Consta de las vias de Antonino, que de Braga a las aquas originis havia 39 millas. Conque si en los Baños de Bande havia colunna de 38, es señal de que hacia alli estaba la 2.ª mansion desde Braga con el nombre de *aquas originis*. Es verdad que en una varia leccion de Antonino se ponen, no 18, sino 28 millas desde Salaniana á *Aquas originis*, y de ese modo estas distaban no 39 sino 49 millas. A esto digo, que tambien otra varia leccion, solo pone 11 millas desde Braga á Salaniana, y siempre salen las 39. De manera, que se puede fijar la mansion de *Aquas originis*, en los baños de Bande.

(54.) Y desde aqui hiré siguiendo la via Militar de Braga á Astorga por los Quarquernos, Aquis originis. Advierto, que los nombres de las mansiones estan en ablativo; como si dijese mansion *in aquis originis*. Asi dice el Ytinerario. Otra leccion dice *aquis originis*, y el Anonimo de Ravena dice aquis ocerensis. Contador lee aque origines; é interpreta nacimiento, ó origen das aguas. Cosa redicula. Sea la voz originis, ó ogirinis significa Pueblos.

(55.) La voz originis podra aludir al nombre oquirino del qual hay inscripcion Romana, pag. 54, del combento Bracarense de Contador. Concuerda mucho la voz del Anonimo de Rávena, Ocerensis, ó oquerensis; como que los Pueblos Oquirinos, Ogirinos, Ocerenses, ó oquerenses todos eran unos. La voz *oquirino* es mui singular por la ortografia. Pero yo no quiero inbentar pueblos de los quales no haya quedado noticia en los libros.

(56.) Boi á proponer una congetura curiosa. Supongase que la voz originis tiene la penúltima, larga y que deve pronunciarse originis. De este modo ya tenemos el adjetivo *originus, origina, originum,* para concordar con *aquas originis*. Si no tuviese ese acento no era facil la equivocacion de originis, y es fácil pronunciar ogirinis. Luego las dhãs aguas de la presente Mansion estaban en los pueblos originos. Y cuales son esos Pueblos originos?

(57.) Nada he de poner de mi fantasia para responder. Es inconcuso que los Romanos pronunciaban el *au,* V. g., como ó *Claudio, Clodio, plaustum, plostrum*. Esto es frecuente en la lingua Castellana, de Mauro, Tauro, Moro, Toro, &, y lo que hace al caso de Auro, oro. Segun esto lo mismo son Pueblos originos que Auriginos. Y cuales serian esos pueblos Auriginos? Para responder, es preciso recurrir á libros de bastante antiguedad y á sus varias lecciones.

(58.) El obispo de Chaves Ydacio era gallego de la Limia, al principio, ó al medio del siglo 5.° escrivio un Chronicon que es mui estimado. Ay dos ediciones de ese Chronicon. Una en Sandoval, y otra en el Padre Sirmondo; quatro veces habla de los Pueblos de Orense. La 1.ª los llama Ydacio en Sandoval Aurienses, y en Sirmondo Augerenses. Las otras 3 les llama Ydacio en Sandoval *Auronenses* y en Sirmondo *Aunonenses;* y se verá que los pueblos *Auriginos, Auregenses, Aurienses* y *Originos,* eran unos mismos pueblos, cuya cabeza era *Aurea,* ó Orense.

(59.) Dirá alguno, que las aquas originis, ó los Baños de Bande, distan de la ciudad de Orense, y que asi no caian en los Pueblos Aurienses. Respondo que no es facil de marcar los limites, y estencion de los antiguos pueblos de España, como ni los de Galicia. Unos se estenderian mas, y otros menos. De Orense á los Baños de Bande habra 6 á 7 leguas, y esa travesia no era mucha para unos Pueblos. La misma casi tenia los Pueblos Lemabos que son los de todo el valle de Monforte de Lemos.

(60.) Avia esta diferencia, que Dactonium, que era la cabeza de los Lemavos, y en la media Edad Castrum Luctonum, y corresponde hoy á la villa de Monforte, estaba en el centro de los pueblos. No asi la poblacion de Orense, como cabeza de los Pueblos Auregenses, ó Auriginos, pues estaba en una extremidad. Los que han visto el sitio de Orense, abran notado que el Rio Miño y Sil, unidos, le corre el Norte, de oriente a poniente y casi baña sus Arrabales. Por ésta disposicion, no podia estender-se su Iurisdicion ál Norte, cortando el Miño-Sil; y asi era preciso estendiese acia otra parte.

(61.) Los términos de los Pueblos Antiguos, no eran voluntarios, como hoy, sino naturales: para los quales servian una cadena de Sierras, montes ó montañas, y los rios muy caudalosos, ó Vias. Si yo huviese de señalar los términos de los Pueblos Auregenses, ó Aurienses, diria que al Norte era el rio Miño-Sil. Al oriente, la Cordillera de las Sierras de Santa Mariña-forriol, hasta rematar en el famoso Monte Celme, que está sobre el Rio Limia. Al medio dia el Rio Limia, desde Celme asta el Monte Leboreyro de S.ta Comba, de S. Torquato. Y al Poniente, desde ese Monte asta tropezar en el Miño, y siguiendo el Miño, asta la Barca de Ribadabia, sobre el rio Abia, y el Miño, ó asta la confluencia de esos dos Rios.

(62.) El sitio de S.ta Comba, tiene á un cuarto de legua al oriente, los Baños de Bande, en donde supongo las Aguas originis, los dos á orillas del Rio Limia. Asi es consiguiente, que Orense estaba en una extremidad, y las Aguas originis en otra. He pisado todo el dhõ Pais, aunque de paso. Y el que no hiciere otro tanto, y mucho mas, por los Paises, que podrán servir de limites naturales, para fijar la demarcacion de los antiguos Pueblos de Galicia; no hara pie fixo en cosa alguna; por que eso jamás se podrá averiguar por los Mapas.

(63.) Si, como era razon, tuviesemos una exacta Geografia moderna del Reyno de Galicia; no por partidos Politicos; no por Jurisdicciones, sino por diferentes Arcedianatos, Arciprestazgos, y Feligresias, mucho se podria descubrir. Las antiguas divisiones Ecclesiasticas, se acomodavan á las divisiones de los Pueblos, segun los Gentiles. En Arcedianatos, arreglandose á los pueblos mayores, Y en Arciprestazgos, á los menores. Por lo comun está oculto en el nombre de un Arcedianato ó Arciprestazgo, el nombre de algun pueblo antiguo. Explicareme.

(64.) En el Arzobispado de Santiago, ay el Arcedianato, que llaman de tras-tamara. Alli estaban los Pueblos antiguos Tamaricos, aludiendo al Rio Tamaris, que hoy llaman Tambre. Ese arcedianato tiene 7 Arciprestazgos, y uno es el Arciprestazgo de (Celtegos). Y en esa voz se conserva el nombre de los Pueblos celticos, que Plinio, y otros, colocaron acia Finisterre. Hoy es cabeza del Arciprestazgo de Celtegos, la Puente de Brandomil, sobre el Rio Ezaro, ó

Lezaro. Este rió es famoso por la grande catarata, cascata, que hace al despeñarse en el mar de Finis-Terre, en frente del Cabo, y por las faldas del célebre monte Pindo, en un sitio, que por esa *caida,* llaman el Cadoiro.

(65.) Lo que deve admirar es, que no se halle el nombre Auria en los antiguos, para significar la ciudad de Orense, siendo asi, que Idacio, que habla de los pueblos Aurienses, y que vivió á la mitad del siglo 5.° no invento aquel adjetivo, sino precediese ya el sustantivo Aurea. No obstante, espero provabilizar que se conserva hoy algun vestigio. Ha sucedido a Orense lo mismo que a Chaves. No hay noticia de *Aquas flavias,* que es el Latin de Chaves, asta el tiempo de Idacio, que ha sido obispo de aquella ciudad.

(66.) No obstante, consta del Itinerario de Antonino, la Mansion militar *ad Aquas* que evidentemente es Chaves; y consta de muchas inscripciones, la expresion de Flavias. El emperador Vespasiano era amigo de hacer Poblaciones, ó de terminarlas; ya por si, ya por sus subalternos. Y como Vespasiano era de la familia Flavia, se añadió el pegote de Flavio, Flavia ó Flavias, a esas poblaciones. Asi ay en Galicia, Iria Flavia, Interamnium Flavium, Flavium Brigantium, Flavia Sambris, etc., y para el caso, Aquas Flavias.

(67.) En el sitio donde hoy está Chaves, abia y ay, Aguas termales. Con esa ocasion, se fundo alli una poblacion, cuyos moradores se llamaban Aquiflavienses. Esta voz se halla en inscripciones antiguas desde Vespasiano, y por ellas, se suplen los libros, que ya no existen. La Inscripcion mas famosa es aquella que aun se conserva en Chaves. Ponenla Vasco, Resende, Morales, Carvallo, y Contador.

(68.) El asunto es felicitar á Vespasiano y a sus dos hijos, Tito y Domiciano, sobre algun memorable suceso. La inscripcion se gravo en el año 10 de la Potestad Tribunicia, de Vespasiano y de sus hijos, el cual segun Mesabarba, corresponde al año 79 de Cristo. En esta inscripcion se señalan por felicitantes 10 civitates se cuentan por estenso. La razon porque civitates no aluden á lo que hoy llaman ciudades, sino à lo que hoy llamamos jurisdiciones, cantones, pueblos, concejos o valles.

(69.) Esta inscripcion la pondré entera cuando hable de los pueblos Quarquernos. Baste saver de presente que los dos primeros pueblos son los Aquiflavienses y los Abrigenses. En el Puente de Chaves existe otra inscripcion en la qual se dice que los Aquiflavienses edificaron el Puente á su costa. A ese tiempo pertenece la inscripcion que se halla en la Coruña al pie de la que llaman Torre de Hercules. En ella suena Sevio Lupo, Arquitectus, Fluviensis Lusitanus. La voz Fluviensis significa aqui Flaviensis; dejemos ya a Chaves y volvamos á Orense.

(70.) Aquellos pueblos Abrigenses que tienen la 2.ª grada despues de los de Chaves han dado que discurrir á muchos. Contador pone diferentes opiniones, y se inclina á creer que eran los de Ribadavia. Plinio pone ese lugar en

la costa maritima de Tuy, y Mela pone á Brobrica hacia la Coruña. De esto concluyen algunos, que ó Plinio, ó Mela ha errado. En la novisima edicion que Abrahan Gronovio hiso de Mela, no se lee Abobrica; sino Adobrica. Con este Papirote, se desvanece la oposicion imaginada entre Mela y Plinio.

(71.) Mela pone en las mariñas bajas de Pontevedra, la ciudad de Lambriaca; y en las mariñas altas de Betanzos el lugar Adodrica; que creiblemente sera la Lambriaca de Mela. Ni Abobrica, ni Adobrica estan en distancia para los pueblos Aobrigenses; son los mismos que los Auregenses de Idacio ó los de Orense. El mismo Contador confiesa que en la inscripcion original se hallan sensibles errores en los caracteres del escultor.

(72.) Con solo tomar la *b* por *u* en Aobrigenses, resulta la voz Aurigenses. Vease aqui el vestigio de Orense, que prometi hallar en los antiguos, y no menos en una inscripcion de Vespasiano. De ella consta, que los pueblos de Chaves y los de Orense eran los dos mas principales del pais. Esto se confirma con la porfiada resistencia, que en tiempo de Idacio hicieron los Auregenses, Auricenses, ó los de Orense a los suevos.

(73.) El que notare que en las combinaciones propuestas, siempre juega la voz *Aurum,* opondra que en los pueblos de Orense no hay minas de oro. A eso digo, que aunque no esten conocidas hoy estarian en otros siglos. Pero basta el sitio en donde esta Orense para que se llamase Aurea. Es cierto que el rio Miño-sil lleva arenas de oro y que sobre este rio está Orense.

(74.) Aun al rio Limia, que es termino meridional de los pueblos de Orense, atribuye Silio Italico el que lleva arenas de oro. Creen algunos que Silio Italico confundio el rio Sil ó Miño. Y yo no hallare dificultad en creerlo, como ni tampoco que el Limia lleve como el Sil arenas de oro; y que Italico hablava del Sil, sinó del Limia, por ser mas famoso para poetas, á causa de ser el Fluvius oblivionis.

(75.) Es cierto que todo el pais de Orense abunda de azufre y por eso abunda tanto de aguas termales. En este supuesto sin retractarme de las propuestas combinaciones, y sin meterme con el oro, proprondre otro origen de las aguas origenes, á causa de la Isla oriental ojirinis, pero esto va muy largo. Siendo originis acaso de los pueblos origines, que Plinio pone junto á los cantabros. Pero siendo originis, que es la vulgar leccion, vendra de Vriginis, como dige no aludiendo á Aurum, sinó á su color amarillo.

(76.) Asi aquis originis, significa Aguas Auriginis. Aurigo, auriginis, significa la Ictiricia, que tomó aquel nombre ó color auri; cual es el color del oro ó del azufre que tienen los que padecen la Ictiricia. En ese caso originis es el genitivo de Aurigo. Y que seria, si fuese que esos baños de Bande tomasen el nombre de Auriginis, ó Originis, por que eran especialisimos para curar la Ictiricia, ó la Aurigo?

(77.) Me he detenido mucho en esplicar la Mansion militar; por que no he tenido quien me diese luz para decir cosa mas cierta en cuanto á su signignificado. Valime de la constante analogia del idioma latino para rastrear algo. Y desengañense los que para estos asuntos se valen de libros modernos, que todo lo que en ellos se dice no haya apoyado con libros antiguos, y con una analogia de las voces, ó es patraña fingida ó es necedad mal imaginada; ó es un error de cal y canto.

(78.) Por sacudirme de esas tres pestes, no he citado aqui ni jamas citaré en éste escrito noticia alguna, de las que solo constan de los Pseudos Chonicones que se fingieron desde Cárlos V aca. Juzgo muy precisa ésta advertencia contra lo que preveo sucedera. Si estos papeles pasaren á manos de algun romancista preciado de leido, ó de algun erudito de ninguna critica; ó en las de algun charlatan; cada uno de estos se verá burlado, bien que ni siquiera se le nombren los autores, por donde ha estudiado toda su vida; y que todas las noticias que en ellos habia leido se dan por falsas, ridiculas y despreciables. Autorizare mi advertencia.

(79.) El año de 1721 formo un decreto la Real Academia Portuguesa de la Historia, el cual está impreso en el tomo 14 de la Bibliotheca greca de Fabricio. Manda, que ningun academico siga, ni cite en las obras que ha de proponer en la Academia, Chronicon alguno ó autor de los que pone en ésta lista, V. g. Catalogo 2.° Autores Supostos, Beroso, Caldeo, Magastenas, Persa y todos los demás que publicó Juan Anio Vilerviense. Excepto los fracmentos del verdadero Beroso, y de otros que éstan en los antiguos.

San Atanasio de Zaragoza, con los demas escritos del monte S.^to^ de Granada, Celedonia obispo de Braga en la vida de S. Pedro, Gregorio bético, Cathalogo de los mártires de España

Lucio Flavio Dextro.
Marco Máximo.
Braulio, continuacion de Máximo.
Sñitprando.
Hamberto Hispalense.
Liverato.
Aulo Flalo.
Dr. Servando.
Dr. Pedro Seguin (obispo de Orense).
Heleca.
Julian Perez; y
Toda noticia que solo conste de Julian Lucas de Florian do Campo.
Laimundo Ortega.
Angelo Pacense.

Alladio y otros por fray Bernardo Brito.

Añado yo: y Pedro Cesar Augustaño, fingido por Pellicer, y dado á luz por Huerta, el que saco los anales de Galicia. I aun que hay otros vergonzantes.

(80.) Hay tres clases de auctores, unos que existieron; y cuyas obras fingieron; hay otros que jamás existieron, ni tampoco sus obras. El falsario impostor de la pérdida de España, y de las antiguidades de Granada, á sido Miguel de Luna, ó morisco de secta en Granada ó Docto en la lengua Arabiga. Hay otros autores, que con buena ó mala fé creyeron los Chronicones fingidos, y se enpeñaron perniciosamente en comentarlos, solo porque las ficciones, fabulas, patrañas y necedades eran gloriosas para España. Tales son Famaño de Bargas, Ramires de Prado, Rodrigo Caro, Vivar Argaiz y otros.

(81.) Pero los autores mas perniciosos, son aquellos que se han valido de los dichos cronicones, citandolos ó no citandolos. De estos son infinitos ó son todos los que han escrito desde Felipe 3.° aca excepto muy pocos modernos. El mas pernicioso es D. Juan Famaño de Salazar en los 6 tomos en folio con titulo Martirologio Hispano. Alli pone mártires confesores, santos, obispos &., que aun no han nacido. A su imitacion no hay historia de Provincia ó de ciudad. No hay vida de Santo ó fundacion que no este erizada de necedades, y aun sacrilegios de los cronicones fingidos.

(82.) Hoy pasara por un escritor idiota y chapucero el que citare testos de esos Pseudos cronicones, contra ellos ya han escrito muchos. Y no quiero emitir aqui la invectiva del Cardenal Aguirre contra ellos, Vtiman ij quorum intrest presertim Domini episcopus rejis consiliaxis senatum Iustitie, alfidei tam probosa ficciones cum ipsis Psendo Chronicones; exterminen, et similibus fabulatoribus frenun imponant, etc. Esta exclamacion venia mas a tiempo al principio, quando era fácil quemarlos para atajar la ignominia de la historia, escolastica y civil de España.

(83.) A vuelta de esas finciones en la historia, emporcaron tambien esos Chronicones y sus comentadores la Geografia antigua, media y moderna de España. Para desenbarazarme pues de estas ficciones respectivas, quiero cortar de un golpe, y por la raiz esa hidra de chronicones, falsos, fántuos y perniciosos intimando el juicioso decreto de la Real Academia portuguesa de la historia. Bien se que no todos lo han leido, y pronostico que alguno se enfadará por que le puse aqui, pues llebara el diablo todo quanto imaginaban que sabian.

(84.) Vuelvo a tomar el rumbo de la presente via militar, y voy á señalar el individual sitio de la Mansion Aquis originis. Desde Orense a Celanova hay 4 leguas caminando al medio dia, siguiendo casi el mismo rumbo, hay desde Celanova a su priorato de San Pedro Beande, dos leguas y media. El

latin de Bande en los instrumentos es Balnate, Varrate, etc., y es cierto que Valrrate viene de Baineata aludiendo á los Baños. El 29 de S.bre de 1755 despues de comer sali á registrar el sitio de Santa Comba de S. Torcuato. Segui el rumbo al poniente, y hay una larga legua, corté el rio de Santiago de Cadones. Este nombre me dio idea, de que el latin seria Caldones, sabia que en el arciprestazgo de Iria hay otro rio llamado Caldon, y todo á mi parecer viene de *calido,* aludiendo a Baños. Santa Comba está un cuarto de legua del poniente de las aguas origines o Baños. Asi quise ir primero á S.ta Comba, para volverme por los baños al priorato de Bande.

(86.) Castela Ferrer [1] describe el sitio de S.ta Comba, y su singular iglesia, yo la admiré por pequeña, ridicula y muy mal aseada. Concediendo que demuestra mucha antiguedad. Tiene en sitio desproporcionado 4 colunnas de mármol, ó á lo menos de alabastro, de arquitectura romana, y se conoce que no se hicieron para alli y que se habran traido de otra parte; otros dos pedazos de alabastro hay en otros sitios de la iglesia.

(87.) La mas singular que hay dentro de la iglesia en una como capilla es un sepulcro mui grande de marmol blanco, y con su tapa. Nada tiene dentro, ni tiene letrero alguno, dijeron que halli habia estado el cuerpo de S. Torquato el cual se traslado despues á Celanova. No vi alli la inscripcion romana á los Lares Viales que cita Castella, ni tampoco la columna militar, citada á las 38 millas de Braga; pues aqui debia estar y no en el Lugar de los baños.

(88.) El calculo es palmario. Las Aquas originis distaban 39 millas de Braga segun el Itinerario, y estando S.ta Comba um quarto de legua mas al poniente, en el mismo camino; luego la columna de las 38 millas debia estar em Santa Comba y no en los baños. Pregunté al cura de Santa Comba, si habia por alli alguna columna con letras. Dijome que habria muchas piedras redondas escritas. Añadió que habria unos 40 años, que un cura hizo una casa con bodega, y que en ella habria recojido una columna redonda con letras para que serviera de piedra angular á dos paredes.

(89.) Quise ver el sitio. A sido preciso luz, entré con ella en una bodega oscura, y de hecho vi en un angulo, um pedazo de lomo de una columna redonda que tenia letras, distigui M P. ::: y S O D ::: C ::: y nada mas: por el M. P. huele á columna miliar, pero las otras letras no vienen a ella, es creible que yo me haya alucinado. Asi, seria poco costoso y muy útil el sacar de alli aquella columna y collocarla en parte segura y se pudiese leer sin luz artificial. Si en ella se hallare la distancia á Braga, esa columna seria la clave para entender los primitivos numeros del Itinerario de Antonino.

(90.) Desde Santa Comba vine á la filegresia de S. Juan de los Baños. Se

[1] És Castella Ferrer. N. P. Fita.

reducen á un gran estanque de piedra cuadrado con escalinatos, y al rededor casas para los concurrentes á los baños. La agua es caliente, pero no humea. Dela agua que sobra se forma um arroyeulito que se mete en el rio Limia, que está cosa de un paseo al medio dia. Hoy se frecuentan esos baños.

(91.) La agua caliente no viene al estanque de algun arroyo, ni de alguna Fuente. Brota en el mismo estanque de la tierra como surtidor. Sobre esto se podria fundar lo que Contador dijo n.° 54 de la etimologia de originis, como se dijesen aguas originales, ó que brotan en el mismo sitio, ó que alli mismo tienen su origen. No me informe de las enfermedades para las cuales eran útiles estos baños: pues el chorrillo de los medicos es recetar baños para enfermedades encontradas; Supuesto lo que dije n.° 76 de la Ictericia ó Aurigo; no seria malo, que alguno que padeciere Ictericia se bañase en los baños dichos, observando las resultas.

(92.) Dijeronme alli que en todo aquel terreno havia y se descubrian muchas piedras labradas, unas con inscripciones y otras sin ellas. Como venia yo de paso, no tropezé sino con una piedra votiva romana; con su V. S. Votum solvit. Añadieron que acia alli habia en la antiguedad una populosa ciudad. No hallo dificultad en creerlo por que el sitio es muy aproposito para eso. El terreno de las dos feligresias de S.ta Comba, y de los Baños, forman una llana ladera, amena y despejada que tiene al medio dia el rio Limia que corre por su hermoso Valle.

(93.) Pero todo eso prueba, que el terreno será muy enfermo, y acaso por lo mismo se habrá destruido la ciudad dicha antigua. Y no dudo, que los alabastros ó mármoles romanos de S.ta Comba (ó Santa Columba) sean reliquias de las ruinas de aquella ciudad. La inscripcion *Laribus vialibus,* prueva sin duda, que la via militar venia desde Braga á Astorga por Santa Comba, y por los dichos baños y que en ellos estaba la Mansion *Aquis originis* del Itinerario.

(94.) Ahora me saltó á los ojos, y á la pluma, la reflexion de un nuevo capitulo para que se deban abominar los perniciosos Chronicones fingidos del n.° 32. Fingieronse al tiempo, que en Europa, se comenzaba á sacudir-se de la barbarie, y à rrecoger los mas fidedignos Monumentos de la antiguedad. Esto es, instrumentos, monedas e inscripciones. Y cuando en España se quiso hacer lo mismo, salieron al encuentro esos Pseudo Chronicones que lo apestaron todo. Para que nos hemos de cansar en buscar á tanta costa esos monumentos, dijeron los desalmados impostores; si los podemos fingir, mas individuales y gloriosos detras de una pantalla? A que sera sacudir el polvo á los archivos, y desojarse. Hacer caso de monedas que apenas se pueden leer, y meter-se debajo de tierra á buscar letreros y columnas miliares si todo se puede fingir dentro de casa?

(95.) El tiempo necesitó de muchos siglos para acabar lo que ya no existe. Pero los Chronicones — aun no necesitaron dos siglos para consumir, acabar y desperdiciar lo que aun existia cuando se abortaron. Si se tropieza con un pergamino, se condemna á remendar panderos ó á tiras para medidas de sastre. Si se tropieza con monedas romanas de cobre se venden á los caldereros, y si se descubre algun poste, ó piedra con caractéres, la quiebran hasta que quadre bien en un muro, ó en la pared de una bodega. Y lo peor es que colocada en el muro, la ponen con las letras acia dentro.

(96.) Éste reprensible despredicio de la verdad, nace no solo de la ignorancia, sino del culpable aprecio que los mas de los escritores hacen de los garrafales embustes de los Pseudo Chronicones. Mucha fatuidad es creerlos; pero mayor es copiarlos, esparcirlos, comentarlos y defenderlos con insolencia y con una pertinaz contumacia. No es lugar este para sacarlos á la verguenza. Basta leer la lista del n.° 72, para que todos sepan á quienes no han de creer. Quiero, si, que los que han de tomar la pluma, se hagan primero con los evidentes materiales ya recojidos, y con los que por si mismos pudieren recoger.

(97.) El pais de la *Limia* hizo bastante papel en los mas remotos siglos, á causa de su famoso rio Limia, el cual, despues del tránsito de los celtas se llamo, *fluvium oblivionis*. No ha sido menos célebre ese pais, en tiempo de los Romanos: en tiempo de los suevos y godos: en tiempo de las correrias de los moros; y por confinar con Portugal ha sido el teatro de la guerra, en los siglos posteriores.

(98.) Por todo lo dicho, no podrá menos de tener la Limia muchos monumentos de la antiguedad, ó al descubierto ó derribados, ó á pocos palmos debajo de tierra. No pretendo que se busquen, aunque no seria pretension disparatada. Quiero si, e deseo, que cuando por acaso se descubran, se reconozcan, se aprecien, se recojan, se guarden y se conserven en parte segura. Para esto, todos tienen autoridad, y no se necesita dinero, ni ciencia, ni aun saber leer para esto. Si al que recojiere alguno de esos monumentos le entendiere mejor; e si no supiere interpretarle, no importa. Reserve se hasta que se ofrezca ocasion de que algun curioso le explique.

(99.) En suma. Toda piedra: todo metal y todo ajuar ó cachivache antiguo, que tenga letras ó caractéres, aunque no legibles, se deben recojer, y guardar, si es fácil de mover y portear; y si no se debe anotar y escribir tambien el sitio, en donde se halle el monumento que se moviere, y recojiere. El mas pobre rústico podra ser útil para lo dicho, y aun mas proporcionado para tropezar con sus monumentos, pues suele andar por montes, derrumbaderos: y es el que mas caba, y revuelve la tierra.

(100.) Lo que digo de la Limia, se debe entender tambien de todo el

Reyno de Galicia, pues todo ha estado poseido de romanos. Y lo que causava admiracion es, que aun habia romanos nobles y conocidos como tales en Galicia, por los años de 950. En la escritura 27 del Becerro de Sames, fhã de año 958 lei esta expresion: et faciant ibi servitium ingenite, sicut ex alij Populi Romanorum et non eligant *Alios Dominos*, vel Patronos superse. Estas cortas palabras, que se lo copie en Samos, pasando por aquel antiquisimo monasterio, contienen un Tesoro para las antiguidades de Galicia.

(101.) No se que otra provincia de España pueda citar un texto semijante por los años de 950. Por este tiempo aun habia en el pais de Samos romanos antiguos y nobles, que ó vivian señores de si mismos, sin dependencia alguna, ó solo por devocion al santuario de Samos, servian y asistian al monasterio, no como esclavos, no como vasallos ni aun como siervos, sino como servidores voluntarios é ingenuos. I con exclusion de que pudiesen elegir á otros ni como Señores ni como Patronos.

(102.) Esta evidente y selecta noticia de vivir aun en Galicia, pueblos de Roma no conocidos, y separados como nobles é ingenuos, el año de 958 de Cristo es una especial clave para ponderar con fundamento la Nobleza de Galicia con preferencia á otras provincias de España y aun de otras naciones que dominaron los Romanos. No hay ya que admirar que el dialecto puro gallego, que aun hoy se habla, sea tan immediato á su lengua matriz latina; qual ninguno otro á sus dialectos conocidos.

(103.) A todo es consiguiente, que aun se conserven hoy en Galicia muchos monumentos de la mas remota antiguidad, en Instrumentos, inscripciones y monedas. De monedas no se si se hallaran infinitas romanas acuñadas en Galicia, que servian para el comercio, y cada dia se descubren ollas de ellas, las que se derriten al instante, por que los posehedores no penetren su utilidad literaria.

(104.) Lo mismo digo de las incripciones. Hay infinitas, que yá llevó la trampa, aun hoy existen muchas que la desidia desprecia y la barbarie desperdicia. Y es natural, que cada dia se descubran otras inscripciones, las cuales espero que de aqui adelante las aprecien mucho los que leyeren éste escrito. Hay inscripciones romanas, suevas y góticas y otras cuyos caractéres me son desconocidos. A esto se deben reducir-se los letreros de los epitafios.

(105.) En cuanto á los instrumentos ó pergaminos, y en especial de caractéres goticos, no se que haya otra provincia que actualmente posea mas de esos instrumentos que Galicia. He visto muchos, he leido bastantes y he copiado algunos. Y he notado que algunas copias que handan impresas parece se hicieron con los pies. Y lo mejor que tenemos es que muchos que existen no se haya hecho aun copia alguna. Para que si se hiciere, se puede hacer con toda exactitud por sujeto inteligente.

(106.) Digo pues que la Geografia antigua; la Nobleza; la Lengua; las constumbres; las antiguedades; la historia civil eclesiastica, y monastica; las Genealogias; y las preheminencias de Galicia se han de buscar en los monumentos dichos; y no se han de leer en los pseudo cronicones ni en los autores que los han traspalado.

(107.) Confieso que he sido prolijo en esplicar las *Aguas originis,* y que he mezclado muchos incidentes. Y que se ha perdido en eso? Los que no querran leer éste escrito tendrian por incidente, aun la sola y breve esplicacion de las dichas aguas. Y á los que gustaren leerle les pareceran mejor los incidentes que la misma explicacion. Esta ba sòbre discurso y aquellos son incidentes instructivos para las cosas de Galicia. Ya es tiempo que pasemos á la tercera Mansion de los Quarquernos.

### Quarquernos

(108.) La 3.ª Mansion de las aguas quarquernas, á 14 millas de las aguas originis. Ya dije que me dió golpe el nombre de quarquerno la 1.ª vez que le lei. Desee saber en donde estababan esos pueblos, y á ese ridiculo deseo se debe atribuir el que yo tomar la pluma para formar éste escrito. Si no acerté a fijarles el sitio verdadero, he conseguido por lo menos el divertirme, tentando de fijar el sitio de otros muchos lugares de las 4 vias militares del Itinerario de Antonino desde Braga a Astorga.

(109.) El nombre de esos pueblos se halla escrito de diverso modo. V. g.

| | |
|---|---|
| Querquerni ..... | En Plinio. |
| Quarquierni ..... | En la inscripcion de Chaves. |
| Quarcerni ..... | En Ptolomeo. |
| Querquernni ..... | En el Itinerario. |
| Cercerni ..... | En el anonino de Rávena. |

Dirá alguno preguntando: ¿Y cual es el primitivo, y legitimo nombre de esos pueblos? Para responder, y que se penetre mi respuesta, es preciso atender á la analogia. El verdadero nombre es querquerni, que usa Plinio.

(110.) El quarquerni de la inscripcion de Chaves, ya es segun el labio gallego, que muda la *é* en *á,* y al contrario. Asi del latin medio Querquisa, aun hoy dice el gallego, *quarqueija* y pronuncia *carqueija*. Y por que escribo de Galicia siempre uso en este escrito de la voz Quarquernos, y no de la Querquernos aunque sea verdadera. Ptolomeo escribió en griego, y por no tener *que* esa lengua y suplirla por K quiso escribir á su modo Kuarcerni; y

usando *ca* por *ce* Kuakerni, imitando á los de Chaves. De paso advierto que acaso los de Chaves remitieran algunas noticias.

(111.) La voz Querquerni del Itinerario de Antonino está errada en la *n* que debia ser *r*. En el manuscrito estaria escrita *n*, que hace *r*, y representa *n*. Hemos visto caso identico en Idacio n.º (58). Sandoval lee, y bien Auronenses; y Sirmondo leyó mal Aunonenses, porque la *r* escrita asi representa *n*. Y asi el Itinerario siguió á Plinio, y por que le siguió se deve leer Aquis Querquenis.

(112.) La voz *cercenis* del Anonimo de Rávena, está segun la analogia gallega. Del adjetivo querquino dice el gallego de hoy cerquiño. Y estoy en que de la voz *cercueta* se originó la voz del lugar Cerceda. De querno el gallego cerne, que es el corazon del cuerno, y de cainque cinco pronunciando la *q* como *c*. Pareceme que no queda duda en el nombre de los Cuercuernos. A algunos parecerá dura la voz, pero los pueblos querquetulanos que Plinio pone en Italia, no son mas dulces y blandos.

(113.) Consiste en que unos y otros vienen de la raiz latina quercus; por lo comun son ásperos los deribados de esa raiz. En virtud de lo dicho, no es inverisimil creer que la voz querquerno venga de *quercus;* no significando encina, que eso es error; en la Limia no hay encinas sino enquanto significa el roble, y todos sus diferencias, como carballos, quejigos, serquinos, &.

(114.) El Carballo gallego se llama en latin quercus Latifolia. Hay infinidad de esos arboles en Galicia, y aludiendo á ellos muchos sitios y lugares; carvalleira, carvallas, carvallido, carvalleda, carvalledo, carvalliño, etc. Ademas de otros deribados de Robur, que tambien dan nombre á lugares como Robredo, Revoredo, etc., del latin Revoretum.

(115.) El pais en donde creo estaban los Quarquernos, es mui aproposito, para robles, carballos y Quercus, para darle nombre. A ese modo se podran llamar Pinariegos los pueblos que abundan de Pinares. Asi, ya no tengo la menor duda de que la voz, y cosa quercus, dio el nombre a los quarquernos.

(116.) Pondre un exemplo convincente. Plinio Libro 3. Cap. 19, pone en Italia hacia Benecia, unos pueblos llamados quarquenis parese que es el mismo nombre. Aberigué que quarquenos eran esos distintos y distantes de nuestros quarquernos. Lei en Lasor Abarca, lo siguiente: Quarqueni, qui et quercani Italie Tras padane, populi erant versus Flavium, Flivium; quorum opidum adquercum, nuc quer, vicus agritarvissini.[1]

*(Faltam n'esta copia os §§ 117, 118, 119, 120 e 121.)*

(122.) Aora quiero aprovechar el Anonimo de Ravena, que escrivio en el

[1] Os trechos latinos ainda estão em peor condição de intelligencia do que alguns outros em hespanhol, laivado de gallego.

siglo 7.° ya entonces se havia desfigurado la voz querquernis, encercenis, como dice el mismo Anonimo. Y yo congeturo que la voz *cercenis* se desfiguró despues en la voz carracones, V. g.

De querquernis.
querquenis.
e Kerkenis.
e Cerquenis.
Anonimo ..... {Cerkenis. / Cercenis.
Cer.ᵉ Kenis, Cer.ᵉ Conis... (de quinque; cinco por exemplo).
Çaraconis.
Çarracones.
Çarraconis.
San Andres de Carracos.
Aqui las Aguas querquernas.

(123.) En nada de lo propuesto hay voluntariedad alguna, pues hay mil ejemplos de todos los transitos; y los de R R, por una R se palpan en Ario. El que reflessionare en este plano, discurra cuanto se podrá descubrir, si se penetra bien la lengua latina, y si se comprende la analogia, de sus dialectos; y con especialidad el dialecto gallego. En antiguedades tan remotas es indispensable el recurso á la combinacion de las lrās para tener alguna luz.

*(Falta o § 124.)*

(125.) Es notorio que Caldo, Caldas, cadiñas, etc., todo viene de *calidus*. En Aulio Gellio, se halla la voz Caldonia que tiene el mismo origen. De todo se formó *caldonico,* y caldoniga, adjetivo de fuente ó de Agua. Asi pues esa fuente caldoniga, que viene encanada desde el Norte, y saliendo en el lugar, riega el terreno por espacio de un quarto de legua es la que dio nombre á la mansion, ó por lo menos sus aguas.

(130.) Hace hoy 456 años que se escribió en instrumento gallego la expresion Azor Jurzó. Don Nuño Pedro Maldonado, es el primer Maldonado del mundo y de el descienden todos cuantos hay de la nobilisima familia de los Maldonados. Vi instrumento latino de ese D. Nuño Pedro, su fecha 1221, en el cual confiesa *Maledonatus*. Todo nombre que en instrumento Latino de Galicia se sigue á *dictus* y en gallego a Dito, no es apellido sino mal nombre.

(131.) El mote Maledolatus latino significa mal hecho, aludiendo á la mala simetria del cuerpo.

(132.) Asi es una patraña el origen de los Maldonados que dice el impostor D. Servando; Fernan Nuñes de Aldaan, nieto del primer Maldonado

hizo testamento el año de 1303, que lei en Santa Clara de Pontevedra; por haber sido éste convento fundado por D.ª Mayor, mujer del dicho Don Fernando Maldoado. Dice pues en el que dejó su a Azor Jurzó. Esta circumstancia de poner Azores, ó Alcones, prueba la nobleza de los Maldonados.

(133.) La voz Parañon es aumentativa de Paraño. Es comun en Galicia la voz Paraño y Parаños. Es famosa por pendiente la cuesta del Paraño, desde Sotelo de Montes, á una legua en el camino de Rivadaria. Crei que Paraño aludia á la cuesta; y ya sospecho que mas aludia á la llanura que la precede. Paraño se debe cotejar con Parado, para el modo de originarle. V. g. de *prata* pratella, metiendo una *á* sale *parata*, y de ahi mil nombres de lugares en Galicia. Asi metiendo una *á* en la voz plano sale palano, y mudando la *l* en *r* Parano ó Paraño.

(134.) De hecho desde Sotelo de Montes hasta lo mas alto del Paraño hay una legua de llano que he andado. Toda es arida, y como sierra alta y plana. Hoy es 16 de Julio, fiesta del triumfo de la Cruz en la batalla de las Navas de Tolosa. En su vezo sacado del arzobispo Don Rodrigo se explica el significado de las Navas de Tolosa; por la expresion de llanura ó Paraño, y con ésta explicacion Navas Tolese bocant que poco he acabo de rezar.

(136.) Todo lo dicho hasta aqui de la antiguedad, ruinas y edificios de Zarracones hace sea muy creible lo que me han informado de sus nobles familias. Crea cada uno lo que quisiere. En el dicho lugar hay familias de Gonzales, Ponsas, Pugas y Feijoos, etc.

(137.) Hay en Galicia el novilisimo apellido de Cadorniga. Queriendo averiguar el origen de esa voz lei que antes se llamaba Codorniz. Si ha sido asi no hay dificultad, pues de Cuturnis se formaria *coturnica*, ó *cadorniga*. Pero dudo que se llamare primero codorniz y despues Cadorniga sino al contrario, primero Cadorniga y despues codornis. Los apellidos no pasaron del vulgar al latin sino del latin al vulgar.

(138.) Sobre ese pie é soñado que la voz cardoniga es trasposicion de la voz caldoniga, nombre de la caudalosa Fuente de Zarracones. Si Pedro Fernandez viviese en Zarracos en el sitio de la Fuente, con razon se llamaria Pedro Fernandez de Caldoniga, para distinguirlo de otro Pedro Fernandez. La voz caldoniga se mudaria en Cardoniga, y finalmente por no saberse el origen se hecharia mano de la codorniz.

(139.) No digo que se crea ésta aprension mia, propongola para que si se descubriera algun instrumento antiguo en el cual se halle la voz Cadorniga transtornada, se aproveche la trasfornacion, teniendo presente la voz latina Caldoniga. Nada tiene de inverisimil que como el barrio Pousas en Zarracos, dió nombre al apellido, y casa de los Pousas: dió ese nombre y apellido al sitio de la Fuente Caldoniga. Esto es mas verisimil que el nombre Zarracones se

haya originado de la expresion, como se cree en el pais, «cierra con ellos». Poca antiguidad podria tener Zarracos si tubiese tomado ese nombre de tan vulgar origen, y hemos visto cuan famosa era ya en la epoca de los romanos.

(140.) Ahora solo falta que los que viven en Zarracos ó sus vecinos, ó los que alli tienen señorio, comiencen á mirar con mas cuidado las ruinas de todo el pais de Zarracos y Corrillon. Deben vivir alerta por si en el pais se descumbren algunas inscripciones, letrero ó epitafio en lapida, poste ó columna. Si se halla en el Castillo, en las dos torres y en el encañado de la Fuente. Si se hallan ollas con cenizas ó con carbones, si se desentierran algunas monedas romanas ó otras antiguas que no se entiendan. Si se descubren ruinas de alguna calzada antigua. Cualquier cosa de lo dicho se debe observar, notar, recojer y conservar en sitio seguro, con pocos ó muchos de esos monumentos que se hallen, se podrá corregir, rectificar, añadir ó ilustrar, todo cuanto he escrito de la mansion de las Aguas Quarquernas.

(141.) Tengase presente lo que ya dejo escrito, desde el n.° 67 de la famosa inscripcion que aun se conserva en Chaves.

A hasta aqui llegó el autor.

Collecção das obras do P. Martin Sarmiento. *Historia y Geografia de Galicia*. Bibliotheca da Real Academia de Historia de Madrid. 11-9-4.

---